



### A VOZ DO CONDADO

Quando se recordam publicações precursoras do Novas, nem todo o mundo conhece *A Voz do Condado*. Entre 1977 e 1979, a Junta de Vizinhos do Condado tirou do prelo oito números de um periódico comarcal de tom anti-caciquil, combativo e soberanista.

### CONCURSO

Já está aqui o primeiro contributo do nosso Concurso Literário: Xabier Vieiro é o primeiro dos leitores premiados com um lote de livros da *Edicións Positivas*, e aqui nos deixa um relato apocalíptico muito adequado para os nossos tempos. Parabéns, Xabier.

### CINEMA

Nos últimos anos, semelha que os filmes de metragem encontrada están a fazer-se um oco no nosso panorama cinematográfico. Há ano e meio, o Cineclube de Compostela dedicou-lhe várias sessões a este tipo de cinema, onde pudemos encontrar documentários de compilação como *Iraqi Short Films*, obras que comonhem umha narrativa de carácter mais ficcional como *Rock Hudson's Home Movies* ou *Blockade*, peças mais vanguardistas como as curtas-metragens de Matthias Müller ou um filme íntegro, deturpado mediante a adição de legendas, como *La dialectique peut-elle casser*.

## EM TEMPOS

# Antropologia dos foguetes

Carlos C. Varela

*Rube o foguete ás outuras  
facendo sega de estrelas.  
iDourado outono de gachos!  
iColleita das luces secas!*  
LUÍS AMADO CARVALHO

*Morreu de pé, como as froes, como  
os albres, como os foguetes,  
Como os homes.*  
ERNESTO GUERRA DA CAL

Notas Viejas Galicianas publicado por Pérez Constanti em 1925 deixanos alguns dados interessantes sobre os inícios da presença dos foguetes nas nossas festas. Segundo o mesmo, a capital do País seria onde primeiro se estabelecérom as oficinas pirotécnicas no século XVI. Já em 1551, o Consistório emitiu um bando impedindo que “que ninguna persona eche ningunos coetes no otra invención de fuego, de noche, por la dha ciudad, so pena de cien azotes”. É a primeira dumha série de proibições que nom pudérom rematar com a incipiente tradiçom por mor da pressom popular.

Falamos já noutra ocasiom da racionalidade da queima de pólvora nas festas galegas, que faria

parte disso que Eric Wolf chamou fundo cerimonial, num imposto ritual aparentemente irracional, mas que tem bastante de estratégia igualitarista. Dentro da lógica do honor própria das sociedades campesinas, os mais pudentes nom acumulam riquezas, senom transformam o seu excedente em pólvora para literalmente queimá-la em troques da honra de ter as festas mais badaladas e esbanjadoras. De fazermos sacrificios, melhor no altar da comunidade – que, ao fim e ao cabo, seguindo Durkheim, nom é mais do que um exaltamento da própria sociedade – do que no dos mercados.

No resto da lusofonia, o fogueteiro é também umha figura fulcral nas festividades locais, como o demonstra o monumento que tem na sua honra em Aveiro. Rastejando na toponímia, achamos em Lisboa a aldeia do Fogueteiro (na freguesia da Amoral, concelho do Seixal), transformada nas últimas décadas em cidade-dormitório. Também está no Rio de Janeiro a favela do Morro do Fogueteiro. Precisamente, no Brasil também é conhecido por “fogueteiro” a pes-

Peça imprescindível das festas galegas, ocasional ferramenta de combate das classes baixas, o repertório pirotécnico galego tivo nas “madamitas”, bonecos giratórios que ardem e explodem, um popular e grotesco órgão de expressom político. Jesus Muruais escreveu em Havana em 1878 o artigo “O fogueteiro”, em que explica o cuidado posto na construçom das madamas

soa responsável polo anúncio sobre a chegada da policia às favelas com tiros de foguete. Ainda, poder-se-ia falar da “Fogueiteira de Maracanã”, protagonista dumha famosa polémica durante as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1990. Na Galiza, o fogueteiro de Arcos, ou o Piso, fogueteiro da Estrada, nom atingirom tantas capas de revistas, mas sim o carinho dos seus vizinhos.

Peça imprescindível das festas galegas, ocasional ferramenta de combate das classes baixas, o repertório pirotécnico galego tivo nas “madamitas”, bonecos giratórios que ardem e explodem, um popular e grotesco órgão de expressom político. Jesus Muruais deixou-nos escrito em Havana, no ano 1878, o artigo “O fogueteiro”, no que explica o grande cuidado posto na construçom das madamas:

“Na construçom deste manequim, indispensável em toda festa campestre, revela-se-nos totalmente o carácter e as opinions filosóficas, morais e políticas do fogueteiro.

Três som as madamas mais comuns no ofício: o amolador, o

guarda civil e o que podemos chamar a madama propriamente dita.

Na primeira simboliza o nosso artista o seu patriotismo e o seu desprezo aos “franchutes”, encarregados desde tempo imemorial de tirar fio às navalhas e às facas dos espanhóis; na segunda o seu pouco respeito pela lei e pelos seus representantes [...]; na terceira manifesta umha grande dose de ironia face o belo sexo”.

Alegria, rotura da quotidianidade para dar passagem à festa, arma improvisada, interjeçom de gozo posta no ar, latidos da paróquia engalanada, e imposto doce aos ricos da comunidade. Muito antes do célebre símil do *Ulysses* de Joyce entre o sexo e os fogos de artifício, já as galegas falavam de “botar um foguete”. Outras expressons que inçam a nossa língua som “ter um foguete no cu”, ou ir rápido “como um foguete”. Encabeçamos este artiguinho com alguns versos dos nossos poetas dedicados aos fogueteiros, mas também o génio popular lhe dedicou inúmeras coplas e cantares: *Quando queirandes mandar / avisarendes pirmeiro / que vos imos acadar / com foguetes e gaitero* [CPBL, 54] ou *Os juramentos de amor / som foguetes disparados, / empeçam com muito fogo / e acabam como petardos* [CFG, I, 179].



## MEMÓRIA

# A Voz do Condado, um precursor pouco conhecido

C. C. V.

Quando se recordam os periódicos precursores do NOVAS DA GALIZA, o primeiro que nos vem à cabeça é a sensacional experiência d'A *Fouce*, nado em 1926. Antom G. Matos explicou como "para muitos/as de nós foi mais do que umha revelação, significou toda umha pequena comoção". O *Gralha*, e o efémero *Já*, na década de 90, som outros dous capítulos imprescindíveis da imprensa arredista. Descobrir *A Voz do Condado* foi também como completar a nossa genealogia, com um antepassado recente mas injustamente esquecido, quicá pola sua bravura.

### Umha época convulsa

Entre 1977 e 1979, na chamada Transição, a Junta de Vizinhos do Condado tirou do prelo oito números do periódico comarcal *A Voz do Condado*, de marcado tom anti-caciquil, combativo e soberanista. Eram os tempos das lutas nacionais-populares em defesa da terra como as Encrovas ou Baldaio, sob o pano de fundo da adaptação do franquismo às novas homologações capitalistas. E, na comarca – entendida num sentido mais amplo da oficial –, a baragem do Uma, celulosas de Lira, Batalhães e Uma, graveiras do rio Tea, Salto do Sela, eucaliptização em Salvaterra, Ponte Areias, As Neves e Mondariz, etc.

Embora comarcal, *A Voz do Condado* estava redigido em clara chave nacional, e nas suas páginas ecoavam os conflitos de todo o país. Monolingue em galego, tem certo sabor ao tom popular d'O *Tio Marcos da Portela*. Também nesta linha vam alguns artigos de escárnio, o emprego de coplas, etc., que dam mostra do emprego de armas populares e tradicionais no periódico, acarom das ideologias mais ruturistas e radicais. Assim, autoqualificam-se de jornal "popular, ceive, aberto e suprapartidário".

### Imprensa militante

O núcleo promotor fôrom umhas 14 pessoas, independentistas e de esquerda radical. Também um setor de mais idade, que viveram a II República. A maioria integrá-

As primeiras tiragens eram de uns 1.500 exemplares. Poucos para a procura, tam poucos que mesmo se cotizavam com preços altíssimos na revenda; é por isso que se acabou por imprimir uns 5.000 de cada número. O seu tom popular e combativo, o desolador panorama de umha época carente dos meios de comunicação de hoje, e o acerto de dar no alvo das preocupações políticas da comarca, fôrom as chaves do sucesso d'A *Voz do Condado*

rom-se em Galicia Ceibe (OLN), e como 'Independentes por Galicia', obtinham 3 concelheiros nas primeiras eleições municipais de Salvaterra de Minho em 1979, convertendo-se na segunda força. Colaborárom também militantes de Galicia Ceibe que nom eram do Condado, como Manolo Pousada, Luís Souto, Alonso Fontám ou Méndez Ferrín.

Porém, defendêrom feramente a independência do periódico: o editorial do derradeiro número d'A *Voz do Condado* recrimina duramente um intento de apropriação da cabeceira por um militante de Galicia Ceibe, que editou pola sua conta um disparatado número.

### Repressom

O projeto tivo de fazer-lhe frente às exigências do momento: publicação clandestina em duas imprensas de Vigo e umha em Portugal, que se fôrom revezando; distribuição em mao em feiras, jogos de futebol, etc. Numha destas ocasiões, a Guarda Civil detivo quatro distribuidores, que permanecêrom 24 horas nos calabouços antes de passar à disposição judicial. Também os empresários e caciques assinalados pola publicação assediárom



Capa dum exemplar d'A *Voz do Condado*

e atacárom os promotores. A conflituosidade chegou ao ponto de que "as forças armadas estatais obrigárom a um cativo a entregar um exemplar d'A *Voz do Condado* sob a ameaça física dum tiro", narraria anos depois Manuel Soto. A publicação estivo em todo momento à altura e nom se amedrontou, mesmo com editoriais como o intitulado "Euscadizar Salvaterra", no qual denunciava como a "Guarda Civil, metralhadora em mao em nome dumha democracia que só está na publicidade de quem desde Espanha governa a Galiza".

### Um sucesso total

As primeiras tiragens eram de uns 1.500 exemplares. Poucos para a procura, tam poucos que mesmo se cotizavam com preços altíssimos na revenda; é por isso que se acabou por imprimir uns 5.000 de cada número. O seu tom popular

e combativo, o desolador panorama de umha época carente dos meios de comunicação de hoje, e o acerto de dar no alvo das preocupações políticas da comarca, fôrom as chaves do sucesso d'A *Voz do Condado*.

A cumplicidade com "os leitores" foi tal que se chegou a criar umha rede paralela de informação, com gente que recorria ao periódico para denunciar as injustiças que presenciavam de primeira mao. Cada número causava potentes reações, sobretudo polos responsáveis das injustiças, que eram assinalados sem contemplações, com nome e apelidos.

Um dos detonantes da criação d'A *Voz* foi o Plano de Ordenamento do Condado, que se conseguiu deitar abaixo: mostra da efetividade desta ferramenta.

As seções habituais eram os editoriais, informação de outros conflitos galegos, mas, sobretudo,

O Condado é umha das comarcas de referência na história recente das lutas galegas: nos 80 nasce o emblemático Festival da Poesia graças ao esforço da Sociedade Cultural e Desportiva do Condado, e já vam pola XXV edição

*A Voz* tivo de fazer-lhe frente às exigências do momento: publicação clandestina em imprensas de Vigo e Portugal, que se fôrom revezando

informação parouquial, monográficos sobre caciques, ou até uns pedagógicos especiais sobre saúde no rural. Isto adereçado com reportagens históricas: entrevista a Luís Souto, Manuel Marinho, alcalde de Salvaterra na República, etc. Enfim, um jornal que – conforme eles diziam – é "ceive como tem que ser a Galiza numha data nom mui longínqua".

### O declive

Contudo, nom foi a repressom que rematou com *A Voz do Condado*, senom os cantos de sereia da democracia espanhola. Em outubro de 1979, um setor dar Junta de Vizinhos considera que com a democracia espanhola representativa já se culminárom as aspirações, e o jornal deixa de ser publicado.

Mas nem todo foi derrota, houvo muita semente. O Condado é umha das comarcas de referência na história recente das lutas galegas: nos 80 nasce o emblemático Festival da Poesia graças ao esforço da Sociedade Cultural e Desportiva do Condado, e já vam pola XXV edição. Além da intervenção municipalista do independentismo, a situação fronteira fai com que Salvaterra seja fulcral na história do EGPGC. Nom em vao, a posta em liberdade de Manuel Soto – um dos redatores d'A *Voz do Condado* – deu pé ao mais nutrido recebimento popular que se recorda na história do arredismo.

### Para saber mais:

Antón Álvarez Sanz, Carlos Barros Gonçalves e Daniel Salgado, "Análise do periódico comarcal *A Voz do Condado*", 2002/2003, disponível em: <http://ir.gl/vozcondado>



## A FOTO



GZI Foto / Gható

**O**velho, o mestre, o menino eterno. Seu pai, Camilo Diaz Balinho, seria fuzilado polos fascistas, diz-se que por assumir como próprio o cartaz do filho a pedir o Estatuto no 36. A mãe falecia de amargura pouco depois. Naquela casa sua, juntara-se o mais destacado do galeguismo da época. Recordade, fôrom massacrados. Fugidos alguns. Retaliados todos. A não permitir que a sua memória se perdesse no silêncio, nem a que o seu sonho esmorecesse numha Galiza amaldiçoada, dedicou o menino, o mestre, o velho, a própria vida sua. Sargadelos. O Castro. O Seminário de Estudos Galegos. O Museu Carlos Maside. Empreendimentos dignificadores e lúcidos impulsionados pola sua mão criadora. Apunhalado polas costas por alguns medíocres em quem ele mesmo acreditara, o mestre acabou por deixar-nos num hospital corunhês aquele mesmo dia que se assinava a morte da Conselheria da Cultura da Junta. Até sempre, Isaac. Galiza, a que tu querias, chora-te.

## CRIAÇOM

No pólo oposto das construçoms faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

*Xabier Vieiro é o primeiro leitor premiado com um lote de livros da Edicións Positivas, e aqui nos deixa um relato apocalíptico muito adequado para os nossos tempos.*

**C**hamo-me Xabier Vieiro. Nascim em Compostela em 1983. Vivo no que era o bairro dos meus avós, Casas Novas, antes de sermos engolidos pola cidade. Coordeno aulas extraescolares de fotografia numa escola de Secundária, atividade que partilho com a música e com a redaçom duma tese sobre a obra do Man de Camelhe.



por Xabier Vieiro

## derradeira verba

**Q**ue figem aquela manhã...? Enterrar cadáveres. Eu era enterrador. Ao princípio era algo obsessivo, sempre abafados dentro daqueles trajes brancos *anti-o-que-for*. Depois já tomamos moitas menos precauções. Mas daquela enterrávamos por milheiros, dia e noite, baixo cimento ou alcatrám, namentres o houve, para aforrarmos a demoira de cavar e evitar infiltrações. Vistos de longe, parecíamos operários fazendo uma estrada.

Se não fosse mais singelo quemá-los? Mas é que de início todos pensávamos que o contágio vinha dos mortos, e parecia-nos arriscado demais encher o ar com aqueles fumos. Depois era só questom de rotina. Recordávamos que os antergos se ocupavam dos mortos, e isso valia-nos para sentirmo-nos ainda humanos. Essa era a minha razão. Será por esse estúpido transcendentalismo meu

que me alistei enterrador.

Que onde...? Havia-os por toda a parte. Morres onde che quadra. Namentres houve ainda electricidade, muitos em cadanseu prédio. Polo cheiro já sabias... Com os que morriam em Comunidade tínhamos *algo* mais de cuidado. Os demais, por dizer-che a verdade, iam às pazadas. Muitas pessoas acreditaram que estava nas tinturas da roupa, e apareciam espidas. Duvidavas se estes não morreriam simplesmente de frio. Na expressom do rosto não havia quase diferença.

Sim; ao princípio havia alguma morte violenta, mas logo parárom. Para os suicidas era mais doado ficarem vivos, pouco mais tinha; e para os assassinos, simplesmente não ficava nada a roubar. Sim se encontravam, em troca, muitas pessoas mutiladas. Escuitara-se de tudo. Estivera nas unhas, na mucosa

nasal, na graxa mamária, no fígado. Nas peganhas dos olhos. No esperma.

Que como era Comunidade? Simples: um fedento cavorco no meio do que ficava em pé da cidade. Em tempos servia para estacionar viaturas. Eu sublinharia o calor peganhento, e aquele rumor constante, como uma escura abelheira. Namentres se manteve que era possível sairmo-nos dessa, ainda se manteve, direi, operativa. Cada um dos seis andares tinha a sua funçom ordenada; depois todas ficaram idênticas no seu caos ategado de chafalhadadas. Quando chegou esse dia, reconheço que apenas era mais que um montom de merda ciscada às escuras entre pilastras de betom. Simplesmente cansamos. Nada havia já a fazer. Só éramos os enterradores que tínhamos trabalho. Por que sentíamos mais segurança respirando essa mistura

de pó e restos de óleo do que fora, ainda não compreendo.

Que se acreditávamos nos espertos...? Mas como, quando todos assumimos que foram eles os gestores do desastre? Simplesmente, havia pessoas que ainda aguardavam topar algo e juntavam-se a falar entre lixo apanhado em laboratórios.

Como foi...? Pouca cousa. Recordo estar fora, lambendo no molho laranja numa lata, com tino de não cortar a língua. Olhava para o sol-pôr; quero dizer, para sombras lilás nos prédios, quando a Avelina chamou por mim. De saber que era isso, se quadra juntaríamos-nos formando um círculo ou outra forma mágica, guardando algum aceno solene... mas não me envergonho em revelar que toda encenaçom estava já demais e, simplesmente, escuitamos aquelas palavras tal como lhe quadrou a cada quem.

- É a água.

O constante rumor daquele furado podre foi tornando mudo aos poucos. Os derradeiros ecos desaparecerám detrás de mim; até que o silêncio, que na realidade é tão sólido como a rocha, se somou também à escuridade. Os acenos ficárom gelados por muitíssimo tempo. Ou quiçá foi breve, não sei. Mas que eu recorde, mais ninguém dixo cousa alguma. De feito creio que nem sequer nos olhamos. Suponho que foi entom que compreendemos sermos também cadáveres enterrados em betom.

Será esse estúpido transcendentalismo meu por que vos deixo aqui estas linhas no cimento, para quando os insectos fagades a paleontologia dos mamíferos. Se por acaso tivérades alguma outra questom, sinto-o. Não me resta mais nada a dizer; e o próprio dos mortos é estarmos calados.



# Dous anos para perder trinta

Valentim R. Fagim

## NOTA:

Oferecemos-vos de novo a última página do anterior número deste suplemento que, por problemas no processo de impressom ficara ilegível. As nossas desculpas.

**P**rimero momento, ano 1980. Som aprobadas as *Normas Ortográficas do Idioma Galego*, de tendência reintegracionista e ortografía española, elaboradas pola *Comisión de Lingüística* designada pola *Consellería de Educación e Cultura da Xunta de Galicia*. Da Comissom formavam parte representantes de ambas as sensibilidades a respeito da nosa identidade lingüística.

Segundo momento, ano 1981. Eleições ao Parlamento da Galiza: Alianza Popular (26 assentos), UCD (24), PSOE (16), Bloque-PSG (3), Esquerda Galega (1), Partido Comunista de Galicia (1). Presidente: Gerardo Fernández Albor, de Alianza Popular.

Terceiro momento, ano 1982. Decreto 173/1982 sobre normativización da lingua galega oficializa as *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego* elaboradas nesse mesmo ano por umha *Comisión Mixta* formada por representantes do ILG (Instituto de Lingua Galega) e a RAG (Real Academia Galega).

Três anos, em termos históricos, nom é assim muito tempo mas é o suficiente para alterar os mapas da história e, o que é pior, os mapas mentais de 3 gerações de galegas e galegos.



## CINEMA

# Metragem encontrada

Julio Vilariño

**N**os últimos anos, semelha que os filmes de *found footage* ou metragem encontrada están a fazer-se um oco no noso panorama cinematográfico. Há ano e meio, o Cineclub de Compostela dedicou-lhe várias sessons a este tipo de cinema, onde podemos encontrar documentários de compilação como *Iraqi Short Films*, obras que componhem umha narrativa de carácter mais ficcional como *Rock Hudson's Home Movies* ou *Blockade*, peças mais vanguardistas como as curtas-metragens de Matthias Müller ou um filme íntegro, deturpado mediante a adición de legendas, como *La dialectique peut-elle casser des briques?*

Como podemos ver, este tipo de cinema ofrece um grande

problema terminológico e de definición, indo do documental para a ficção e passando polos filmes de carácter mais experimental. Na recente edição do Cineuropa, pudemos ver a estreia de *Vikingland*, longa-metragem de Xurxo Chirro montada com as filmagens do marinheiro Luís Lomba, e em edições anteriores do festival tivemos a possibilidade de ver duas peças de Ramiro Ledo: *CCCV*, a partir de filmagens do cineasta Carlos Varela, e *O processo de Artaud*, remontagem de fragmentos do julgamento de *La passion de Jeanne d'Arc*, de Carl Theodor Dreyer.

Dentro de toda a variedade estilística que oferta este tipo de cinema, quigéramos chamar a atención precisamente sobre este últi-

mo filme; com data de 2010, *O processo de Artaud*, é em simultáneo umha amostra de *found footage* e umha adaptación literária. A curta-metragem trata do julgamento que botou Antonin Artaud fora do Partido Comunista, feito quase contemporáneo ao filme. Ainda que a maior parte de filmes remontados tratam de actualizar as imagens para estabelecer um diálogo com o presente, Ramiro Ledo reutiliza os primeiros planos do autor francés e remonta-os juntamente com os dos inquisidores, reconvertidos aqui nas principais figuras do surrealismo, para encontrar umha certa reminiscência passada daqueles feitos nas imagens tomadas por Rudolph Maté.

O cineasta galego retoma aqui umha das ideias já utilizadas em

2005 em *CCCV*: o atril como elemento significativo do cineastamontador. Daquela, as imagens filmadas por Ramiro Ledo recolhiam distintos debuxos e autocollantes do labor como desenhador de Carlos Varela, completando o seu retrato com os anacos da sua obra. Cinco anos depois, em *O Processo de Artaud*, o realizador expom no seu escritório os elementos constitutivos do seu novo filme: o terceiro volume dos arquivos do surrealismo francés do qual é extraído a julgamento (*Adhérier au Parti communiste?*) e sendas fotos de María Falconetti e do próprio Antonin Artaud.

O realizador reelabora assim, com sumo cuidado (já que nenhum dos planos originais se encontra repetido na sua monta-

gem), o filme que nunca mostrou sobre as purgas internas a que André Breton submeteu o surrealismo. Em três significativos planos, um de abertura do filme e outros dous antes e depois dos créditos, Ramiro Ledo fai explícito o dispositivo de elaboração da obra através dum ato de enunciação. No primeiro dos planos, encontramos umha foto de Falconetti, protagonista do filme de Dreyer; no segundo, o próprio realizador extrai das páginas do livro outra instantánea com a face de Artaud. Finalmente, no derradeiro plano do filme vemos a segunda foto por cima da primeira, e umhas tesoiras símbolo por excelência da montagem, assinalam o que foi amputado ao filme e o que o substituiu.